

ÉTHOS E ÉTICA EM HEIDEGGER

Jordino F. Marques*

A leitura de Heidegger proporciona, às vezes, ao leitor menos avisado algumas surpresas e dificuldades. Martin Heidegger é um filósofo que consegue com rara felicidade despertar o leitor-filósofo a percorrer um caminho que se identifica com a trajetória mesma do pensamento ocidental. Em Heidegger vemos o filósofo que se bateu por uma concepção mais fundamental da filosofia que passa a ser exigida em razão da perda do sentido do ser.

O projeto heideggeriano de privilegiar um ente que em seu ser é o único capaz de colocar a questão do ser e as geniais elucidações da constituição última deste ente como *Dasein* poderiam nos dar a impressão que Heidegger fosse um filósofo que tivesse construído uma Ética que pudesse aqui ser compreendida como conjunto de normamentos da ação humana.

Apesar dessa impressão, temos no pensamento heideggeriano uma recusa explícita a pensar uma Ética. Tal recusa nos desautoriza a estabelecer uma reflexão ética em Heidegger, apesar da tentação sempre presente, que, de certa forma, nos seduz a querer ver no pensamento aquilo que ele não pensou, fazendo assim no exercício da filosofia não mais um diálogo criador, mas uma tirania perniciosas.

Interessa-nos, pois, aproximarmos-nos do texto heideggeriano de re-

cusa à Ética e perseguirmos, com olhar de filósofo, os desdobramentos da questão do *éthos* como fundamento de toda Ética para lançarmos uma luz mais abrangente à problemática aqui levantada, integrando-a ao conjunto da proposta heideggeriana.

A leitura da *Carta sobre o Humanismo* é aqui a porta de entrada para o problema que queremos clarificar. Talvez fosse bom lembrarmos-nos do contexto no qual surgiu esta pequena e fundamental obra de Heidegger, que, de certa forma, coincide com a nova direção de seu pensamento. O texto foi escrito em 1946 e teve sua publicação ampliada em 1947. É preciso termos em conta que de 1945 a 1951 Heidegger fôra proibido de lecionar na Universidade de Freiburg. Toda a região de Baden estava sob ocupação de tropas francesas. O filósofo francês Jean Beaufret endereçara a Heidegger em 1946 várias perguntas sobre as possibilidades do humanismo. Este responde a várias delas tentando de maneira muito conseqüente unir a importância das perguntas com as linhas gerais de seu pensamento já delineadas de 1927 em *Ser e Tempo*.

A certa altura do texto, depois de ter criticado a interpretação técnica do pensar, a não veiculação do ser na linguagem e no pensamento, bem como as diversas concepções de humanismo, inclusive o existencialismo de Sartre, Heidegger, que já desenvolvera uma noção clara de homem como *ec-sistên-*

* Professor da Universidade Católica de Goiás e da Universidade Federal de Goiás.

cia, coloca a questão: se a Ontologia não deveria ser completada por uma Ética. Narra então que, logo após a publicação de *Ser e Tempo*, um jovem amigo lhe perguntara quando ele escreveria uma Ética.¹ O esclarecimento à questão aparece logo a seguir, no momento em que nosso filósofo pondera que a aspiração por uma orientação segura e por regras para a convivência surge exatamente quando o homem não foi elevado para o centro do ente e sua essência não foi mais pensada a partir da questão da verdade do ser.² A pergunta pela Ética é pois o resultado de um erro de perspectiva, de um descentramento do foco de luz que foca o homem em suas relações.

Não podemos perder de vista que o projeto heideggeriano é, de início, um projeto de dimensão ontológica. A proposta fundamental da obra primeira e mais importante de Heidegger é a recolocação da questão do sentido do ser. *Ser e Tempo* tem como prefácio a citação de *O Sofista* de Platão, na qual a discussão dos protagonistas do diálogo chega ao impasse no momento em que se constata que o sentido do ser foi perdido.³ A proposta de Heidegger retoma pois a situação de dificuldade do diálogo, na medida em que ele insiste em recolocar a questão do sentido do ser, que ao longo da tradição filosófica não recebeu o tratamento devido. Deste erro de perspectiva, resultante da confusão sobre o ser, nasceu também uma falsa percepção do homem.

Aprofundando e desenvolvendo ainda mais a pergunta de seu jovem amigo, Heidegger afirma que o caráter obrigatório de uma Ética é consequência de "o homem da técnica entregue aos meios de comunicação de massa somente poder ser levado a uma estabilidade segura através de um procedimento de ordenamento de seu pensar e agir como um todo, correspondente à técnica".⁴ Afirma-se que o homem da técnica precisa de uma estabilidade. Diante de tal asserção, poderíamos perguntar se ao homem da técnica opõe-se um outro homem que dispensaria o ordenamento de seu pensar e agir. Talvez tenhamos de pensar que este homem, *o homo humanus*, de que ele tanto falava em *Carta sobre o Humanismo* seja o oposto do homem da técnica, mais centrado sobre a idéia do ser que fundamenta o ente.

Que ligações teriam, pois, as noções de Ética e de técnica? Que seria o homem de outra época que poderia dispensar o ordenamento à Ética? Não haveria nesse pensamento um grito de revolta gerado por uma atitude de negação dos quadros vigentes?

Temos que fugir de toda perspectiva moralizante na proposta de Heidegger, para quem a chave de solução do problema não é a revolta ou a negação sartreana da moral, mas a perspectiva ontológica.

Na conferência *A Questão da Técnica*, proferida em Bremen a 18 de

1 — HEIDEGGER, Martin.: *Carta sobre o Humanismo*, *Os pensadores*, p. 367.

2 — *Ibidem*.

3 — PLATÃO, *O Sofista*, 245c.

4 — HEIDEGGER, Martins.: *Carta sobre o Humanismo*, *Os pensadores*, p. 367.

novembro de 1953, Heidegger insinua que a Ética é uma necessidade para o homem da técnica entregue aos meios de comunicação de massa.⁵ É bom lembrarmos que o tempo que vai do pós-guerra a meados dos anos 50 é tempo de grande desenvolvimento técnico e industrial na Alemanha, no qual a ditadura dos meios de comunicação se faz sentir imediatamente depois da destruição e reconstrução do país.

Heidegger parte na conferência, acima citada, da realidade de que a técnica é um instrumento que serve para dominar algo. Um instrumento serve para aquilo que queremos fazer com ele.⁶ Poder fazer algo é apontar para o princípio de causalidade. Heidegger porém chama a atenção que o princípio de causalidade não diz respeito ao agir e ao realizar, mas ao contrário, se levarmos em conta o sentido primordial de *aitia*, a palavra tem que ser entendida muito mais como culpa do que como causa. As quatro causas seriam, desta maneira, quatro maneiras de algo ser culpado por algo.⁷ Quando uma coisa é produzida, o processo da produção torna-se imediatamente o processo da culpa, no sentido de ter algo de culpa em alguma coisa. Heidegger prossegue afirmando que produzir é trazer algo do escondimento para o não escondimento, do velamento para o desvelamento.⁸ Por isso a técnica, como processo de produção, manterá, na visão grega originária, uma relação com a noção grega de verdade.

O grande problema trazido pela concepção moderna da técnica é que nós a entendemos como o servir-se, como meio de produção, como eficácia e rentabilidade. No ambiente grego porém em que ela nasceu e vigorou, está ligada à *epistème*, uma vez que no livro VI da Ética de Aristóteles *técne* e *epistème* são encaradas como disposições para a regra verdadeira (1140 a 20). Heidegger é de opinião que a técnica moderna tem que voltar a esta ligação com a verdade. Para isso porém é necessário superar a perspectiva do uso e do disponível. Biemel vê nesse processo de objetivação do homem pela técnica o último desdobramento da concepção do mesmo como *res cogitans*, na medida mesma em que a moderna noção da subjetividade cresceu sobre a separação cartesiana radical das duas substâncias.⁹

À situação de dominação da técnica sobre o homem Heidegger denomina situação de indigência, na qual os laços do ser humano são mantidos precariamente.¹⁰ Neste estado de indigência já não se considera aquilo que principalmente deve ser pensado, noutras palavras, o pensar do ser deu lugar a um outro que já nada mais pode instaurar.

Heidegger caracteriza, pois, uma situação que não é aquela que pede por uma Ética porque a relação primeira e fundante está descaracterizada.

5 — Idem, Die Frage nach der Technik em Vorträge und Aufsätze, p. 15.

6 — Ibidem, p. 15.

7 — Ibidem, p. 18.

8 — Ibidem, p. 19.

9 — BIEMEL, Walter, Heidegger, p. 115.

10 — HEIDEGGER, Martin.: Carta sobre o Humanismo, p. 367.

Neste estado de mau relacionamento do homem com o ser adquirem as noções de autenticidade e inautenticidade um papel importante. A primeira delas quer significar que o homem é uma coisa só com seu fundamento e que ele vive dele. A segunda quer dizer que o homem foi exilado do seu fundamento. E a situação ordinária do homem é de inautenticidade. Dela deve ele se firmar como ser no mundo. Nele deve ele resolver a questão do seu ser jogado na existência.¹¹ Em seu modo de ser pode o *Dasein* escolher em seu ser a si mesmo ou deixar que os outros o escolham. No momento em que já não há mais autonomia do *Dasein* para se determinar diante do desafio da procura do seu ser, embrenha-se ele na esfera do impessoal a que Heidegger denomina *das man*, pronome indefinido alemão que serve como índice de indeterminação do sujeito. Tal estrutura do impessoal acaba impregnando a estrutura cotidiana.¹² A característica de tal impessoalidade é a medianidade através da qual tudo é nivelado. A esse nivelamento Heidegger denomina publicidade cuja função é encobrir, tornando aquilo que encobre acessível a todos.¹³ No nível do impessoal não há para o *Dasein* nenhuma responsabilidade, todos são o outro e ninguém é ele próprio.¹⁴ Tudo isso porém está longe de ser uma consideração ética que esteja a exigir o estabelecimento de um conjunto de preceitos pois pertence essa situação à constituição do *Dasein*. A saída de tal estado de indigência é feita pela consideração onto-

lógica e não pela ética, porque o projeto heideggeriano é diferente do de um pregador moralizante.

A situação de indigência que *Introdução à Metafísica* caracteriza muito bem no texto diz: "Quando o mais afastado rincão da terra tornado acessível com qualquer rapidez, quando um atentado a um rei da França e um concerto sinfônico puderem ser vividos simultaneamente, quando tempo significar apenas rapidez, instantaneidade e simultaneidade, e o tempo como História houver desaparecido da existência de todos os povos, quando o pugilista valer como grande homem de um povo, quando as cifras em milhões de comícios de massa forem um triunfo, — então, justamente então continua a atravessar toda essa assombração, como um fantasma a pergunta: para quê, para onde, e o que agora?"¹⁵ Tais perguntas tão diretas e ainda hoje tão válidas são feitas na esteira da pergunta fundamental da Metafísica que, colocada de maneira incorreta, ocasionou tantos desvios a ponto de Nietzsche chegar a afirmação que o ser é um vapor e um erro.¹⁶ O ser a cujo destino o homem está intimamente ligado tornou-se uma palavra vazia. A esse processo patente na civilização ocidental, que é, por sua vez, consequência de desvirtuamento da própria Ontologia, denomina Heidegger enfraquecimento do espírito no qual o *Dasein*, começa a decair para um mundo sem qualquer profundidade em sua ação.¹⁷

11 — BIEMEL, Walter, Heidegger, p. 116.

12 — HEIDEGGER, Martin., *Sein und Zeit*, p. 169.

13 — *Ibidem*, p. 170.

14 — *Ibidem*, p. 171.

15 — HEIDEGGER, Martin., *Introdução à Metafísica*, p. 64-65.

16 — *Ibidem*, p. 49.

17 — *Ibidem*, p. 49.

Nossa posição nesta comunicação é aquela que busca aceitar a posição heideggeriana de indigência do homem e do mundo que ao contrário de exigir uma Ética, exige uma recolocação da questão do ser. O desvio da questão do ser é correlativo ao desvio da questão do *Dasein* que deve ser o primeiro a ser questionado em seu ser. Se isso se realizar, estaremos dispensados de uma Ética porque o ser e o ente que o pensa em seu ser estarão resgatados, o *Dasein* terá experimentado enfim a riqueza de seu projeto como *ec-sistêcia*.

Podemos agora desenvolver um segundo momento desta comunicação para fundamentarmos a recusa da Ética em Heidegger. Em *Carta sobre o Humanismo*, em continuação a problemática já desenvolvida, escreve nosso autor que "antes de procurarmos determinar mais exatamente as relações entre "Ontologia" e "Ética" devemos perguntar o que são a própria "Ontologia" e a própria "Ética".¹⁸ A pergunta de Heidegger é incisiva, pois será que estas duas disciplinas conseguem explicar a tarefa do pensar? Tal tarefa é pensar a verdade do ser. As linhas iniciais do texto acima citado constituem talvez o mais incisivo ponto de vista de Heidegger da relação entre pensar e ser, na medida em que nelas é dito que a linguagem é a casa do ser e que em tal habitação mora o homem.¹⁹ Acontece no entanto que ao longo da História da Filosofia erigiu-se um modelo de pensamento a que Heidegger chama de in-

terpretação técnica do pensar, que criou uma concepção de Filosofia que se apresentava como conhecimento das últimas causas, com um vasto espectro de disciplinas e subdivisões que mapeavam a totalidade dos entes.

Heidegger afirma, além disso, que Lógica, Ética e Física surgem somente quando o originário chegou ao fim, mesmo porque, nos seus inícios, os gregos nem mesmo de filosofia chamavam o pensar.²⁰

Estamos portanto diante de uma proposta de um filósofo que pleiteia uma reinterpretação que não ditará regras para uma conduta nem delineará imperativos universais para a ação, mas que se centrará na preocupação com o ser, sendo o homem aquele ente que coloca a questão. Qualquer Ética que resultasse dessas considerações seria uma recaída na concepção técnica que está de fato à nossa frente, mas tem que ser superada, se quisermos fazer filosofia.

Poderíamos agora visualizar a fundamentação que Heidegger oferece para o *éthos*. Na interpretação do fragmento 119 de Heráclito, cuja tradução vulgar é: "o modo de ser é para o homem o demônio", temos a consideração que *éthos* significa morada, habitação, o âmbito do aberto onde o homem habita.²¹ Notemos nesta expressão a dimensão de abertura que Heidegger evoca. É por ela que o *Dasein* se explica, é por ela também que ele estabele-

18 — HEIDEGGER, Martin., *Carta sobre o Humanismo*, p. 367.

19 — *Ibidem*, p. 347.

20 — *Ibidem*, p. 348.

21 — *Ibidem*, p. 368.

ce a relação com o mundo e com o outro. Heidegger acrescentará ainda que "no aberto de sua morada torna o homem manifesto aquilo que vem ao seu encontro".²² Desta consideração sobre o aberto no homem Heidegger passará para outra que afirma que "o homem habita na medida que é homem na proximidade de Deus".²³ Aqui tocamos outra dimensão do *éthos* que a obra de Heidegger explora a partir de outra interpretação de Heráclito. Em tal interpretação Aristóteles alude ao fato que algumas pessoas à procura de escutar palavras sábias do filósofo, que recebeu em toda tradição o nome de "O Obscuro", encontram-no simplesmente se aquecendo ao fogo e lhes diz unicamente: "Os deuses também aqui estão presentes".²⁴ Heidegger é de opinião que esta frase de Heráclito mostra e determina o sentido do *éthos*, pois do espanto dos circundantes ao verem a mais corriqueira das situações (O filósofo que se aquece ao fogo) desenvolve-se o pensamento fundamental que marca o *éthos* do pensador, pois nele os deuses estão presentes.

Podemos ter portanto como certo que Heidegger recusa a Ética mas privilegia o *éthos* como morada e aí já temos um programa do filósofo que não aceita simplesmente o estabelecimento de uma doutrina e de preceitos para a ação, mas procura, ao contrário, caracterizar a dimensão fundamental e determinante daquele que é sujeito da Ética: a abertura do *Dasein* na sua dimensão de *éthos*, de morada do ser.

Quando tal dimensão for levada em conta, teremos finalmente um todo coerente no qual a dimensão e o peso ontológicos do *Dasein* serão manifestos no seu projeto de *ec-sistência*, de ser lançado e jogado no mundo, tendo como horizonte de interpretação a temporalidade do *Dasein* experimentaldo na sua dimensão de *éthos*.

Tendo feito estas considerações, será necessário agora acompanhar Heidegger em seu pensamento de procura de fundamentação da Ética como ciência (epistême), pois esse pensamento revela mais uma vez a dimensão do *éthos*. No volume 55 da obra completa, no texto *Doutrina de Heráclito sobre o Lógos*, vemos configurada de maneira clara a posição de Heidegger sobre a ciência ética, a qual ele define como moradia e permanência do homem²⁵. No meio dos outros entes ele permanece tranqüilo e sobranceiro. A tomada de tal noção para servir de base a uma teoria moral, a uma teoria da virtude ou mesmo do valor é uma conseqüência da perda do sentido do ser²⁶. Na Ética o homem é questionado naquilo que diz respeito ao seu posicionamento sobre o ente como ele permanece (sich hält) e como ele se comporta (sich verhält) com os entes. Temos então uma dupla perspectiva, já acenada na *Carta sobre o Humanismo*, que nos mostra um duplo interesse da Ética, de um lado o ente, de outro lado o homem. O homem vive entre os entes e por vezes é o ponto central da totalidade deles, por vezes dei-

22 — Ibidem, p. 368.

23 — Ibidem, p. 368.

24 — Ibidem, p. 369.

25 — Idem, Heraklit, p. 205-206.

26 — Ibidem, p. 206.

xa de sê-lo. Para Heidegger os títulos *epistême physiké* e *epistême ethiké* têm em comum a tendência para a compreensão da totalidade do ente. Nesse conjunto é tão importante o *éthos* que Heidegger define o homem como o ser que na totalidade dos entes tem sua essência marcada pelo *éthos*²⁷. Parece no entanto que a tradição filosófica privilegiou muito mais o *lógos* que o *éthos*, já que o homem foi definido como ser vivo que possui como privilégio o dizer e o falar. Esse procedimento levou a filosofia a pensar o homem em sua diferenciação com o animal irracional e o *lógos* se tornou a posse mais essencial do homem²⁸.

Poderíamos, quem sabe, ter esperado uma definição de homem como aquele que tem em si o *éthos*, mas o privilégio recai sobre o *lógos*. Deste surgiu a lógica como doutrina da predicação mas ofuscaram-se assim dois elementos essenciais e mais gerais que o *lógos*, que são exatamente *éthos* e *physis*²⁹. É preciso pois ter bem presente que, desde a antiguidade, a Filosofia foi dividida em Física, Lógica e Ética e a tradição ocidental deu o primado à Lógica.

Uma dimensão essencial do *éthos* é sem dúvida alguma a da moradia. É um lugar comum em círculos heideggerianos que o homem está situado na clareira do ser, que ele é vizinho do ser, que ele o acolhe e o protege. Em uma conferência sobre "*Homem e Espaço*" Heidegger desenvolve a ligação existen-

te construir e morar. Ele vê um parentesco muito acentuado entre os verbos *bauen* e *wohnen* que se evidencia pela forma verbal *buan*, que em alemão arcaico significava permanecer e ficar³⁰. Isso pode ser expresso através da palavra *Nachbar* (vizinho) cujas formas primitivas *Nachoebur* e *Nachgebauer* significam tão somente aquele que nasceu e aquele que construiu nas proximidades³¹.

Nesta dimensão de *éthos* e de moradia é necessário ver também que o tratar com cuidado pertence à atitude fundamental de quem está à escuta do ser. O homem, em seu *éthos*, guarda, protege e defende o ente. Esta é pois a atividade que o caracteriza como pastor do ser.

Mas se perguntarmos agora em que instância tal guarda do ser mais se delineia teremos que responder que é na caracterização da verdade como não-ocultação e desvelamento que nós, de maneira mais clara, poderemos perceber o fato de o homem estar postado na clareira do ser. Aí se torna claro para nós, que o pensamento de Heidegger pode ser apresentado como uma crítica à tradição filosófica que, de uma só vez, interpretou mal o ser e o ente privilegiado que o tematiza, não percebendo nele o agente da verdade que desvela o ente em sua liberdade e o habitante do *éthos*, para construir um sistema de divisões e subdivisões da filosofia que o penalizam e o obrigam a viver a apatridade e a indigência dela de-

27 – Ibidem, p. 217.

28 – Ibidem, p. 217.

29 – Ibidem, p. 223.

30 – Idem, *Bauen, Wohnen und Denken*, em *Vorträge und Aufsätze*, p. 140.

31 – KETTERING, Emil., *Nähe*, p. 259.

corrente, que como tal o obrigará a recorrer a uma Ética como conjunto de preceitos, porque a relação primordial

com o ser está desfigurada e o ente no qual moravam os deuses está decaído na existência do sem sentido.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

BIEMEL, Walter. *Heidegger*, Rowohlt's Monographien, 200. Reinbek bei Hamburg, 1985.

HEIDEGGER, Martin. *Carta sobre o Humanismo*, Trad. de Ernildo Stein, São Paulo, Abril Cultural, 1973. (Os pensadores)

_____, *Die Frage nach der Technik*, em *Vorträge und Aufsätze*. Pfullingen, 1954.

_____, *Sein und Zeit*, Frankfurt, Vittorio Klostermann. GA 1977.

_____, *Introdução a Metafísica*, Trad. de E. Carneiro Leão, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1968.

_____, *Bauen Wohnen und Denken*, em *Vorträge und Aufsätze*. Pfullingen, 1954.

_____, *Heraklits Lehre vom Logos*, em *Heraklit*. Frankfurt. Vittorio Klostermann, 1987.

KETTERING, Emil. *Nähe, Das Denken, Martin Heideggers*. Pfullingen, Neske, 1986.

PLATÃO, *O Sofista*.